

A SALOIA NAMORADA,  
OU  
O REMEDIO HE CASAR:  
PEQUENA FARÇA  
DRAGMATICA  
QUE EM SINAL DA SUA GRATIDÃO  
AO OBSEQUIO  
DOS  
GENEROSOS SENHORES PORTUGUEZES,  
OFFERECE, E DEDICA  
NO DIA DE SEU BENEFICIO  
DOMINGOS CAPORALINI,  
E  
MIGUEL CAVANNA,  
*Representada por elles, e outros Socios  
da Companhia Italiana*  
NO  
THEATRO DE S. CARLOS  
ANNO DE 1793.



LISBOA. MDCCXIII.

---

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre  
o Exame, e Censura dos Livros.*

T.S.C. 168 P.

CB 3030041

H 1587071

# INTERLOCUTORES.

**A L B I N A**, Saloia namorada de Alonfo

*O Senhor Domingos Caporalini.*

**A L O N S O**, Castelhana, Musico, Zabumba de certo Regimento

*O Senhor Francisco Marchesi.*

**R O S A L I A**, Castelhana, Linheira, Irmã de Alonfo, Namorada de Valerio

*O Senhor Miguel Cavanna.*

**V A L E R I O**, Taberneiro, promettido Esposo de Rosalia

*O Senhor Paulo Boscoli.*

Musicos do Regimento com Alonfo, e dois serventes da Taberna.

---

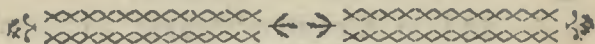
A Scena se representa em huma Rua, e Taberna de hum dos Bairros de Lisboa.

---

A Composição do Drama he de Lerenio  
Selencintino, Socio da Arcadia de Roma.

---

A Musica he do Senhor Antonio Leal  
Moreira, Mestre do Real Seminario de  
Lisboa.



## SCENA I.

Rua com hum taberna de hum lado , e de-  
frente a loje de Rosalia ao principio  
tudo fechado.

*Albina Saloia com giga de azeitonas apre-  
gãoando.*

*Alb.* **Q**UEM merca azeitonas novas !  
Quem merca a rica azeitona !  
Oh ! freguezes ! Quem me estreia !  
Dorme tudo , inda resona  
E só eu madrugo tanto !  
Amor me faz madrugar. (1)

Estou doida de amor , mesmo doi-  
dinha !

Ha já mais de seis mezes , que assim  
ando !

Eu não como , eu não durmo , eu  
não socego :

Inda a manhã lá vem não sei aonde  
Q'eu tomo a giga , e á Cidade corro.

Ah !

---

(1) Da hum passeio em modo pensativo.

Ah ! se Alonfo m'engana , eu morro , eu morro :

Este o dia aprazado da licença

De ser eu sua Esposa

Se tal consigo ah ! como sou ditosa !

Esta he a sua casa , a sua taberna ,

Em que elle tem creto , elle almoça.

E tudo está fechado ! He forte somno !

Eu vou bater-lhe á porta.. (1) Não  
que temo (2)

Acordar sua irmã , e esta Gallega

Mosina , endiabrada

Quer dar cunhado , e não quer ter  
cunhada :

Darei o meu discante

Póde ser que me escute o meu chibante (3)

Dos meus males o remedio

A Fileno só direi :

Se Fileno não vem ver-me ,

De saudades morrerei.

Ah ! meu bem , se te não vejo

De saudades morrerei. (4)

Qual

---

(1) Caminhando para a porta de Rosalia.

(2) Sufrendo o passo.

(3) Poisa a giga no chão.

(4) Olhando para as janellas a ver se a chamão.

Qual abrir as janellas ! Dormem todos  
Talvez que o pobre em casa não dor-  
misse

Não tenho paciencia , e como tarda  
Vou buscá-lo ao quartel , vou vê-lo á  
guarda (1)

Quem compra azeitonas novas...

## S C E N A II.

*Valerio ao postigo chamando Albina que  
se vai.*

*Val.*      **S**Io, fio , fio  
Minha joia  
Sio, fio , fio ,  
O' Saloia... (2)  
O' Saloia.  
Não me ouvio  
Isto he caça de arribada  
Que deo volta , já fugio.

SCE-

---

(1) Póo a giga á cabeça , e vai apregôando.

(2) Sahindo para fóra da porta , até ao meio da rua.

## S C E N A III.

*Valerio, querendo retirar-se, Rosalia da sua porta.*

*Ros.* B Ons dias, meu Senhor (1)

*Val.* . . . Alegres dias. (2)

Ai de mim meus peccados

Apanhou-me co' a boca na botija. (3)

*Ros.* O Senhor madrugou, que historia he esta!

*Val.* Já não he sedo, venho abrir a loje.

*Ros.* Cuida que não o vi, a quem chamava? (4)

*Val.* Chamava, sim chamava . . . (5)

*Ros.* Chamava, diga quem, falle depressa  
Se não quer levar quatro taponas. (6)

*Val.* Eu chamava a mulher das azeitonas. (7)

*Ros.* Aquella Saloieta!

Gosta della o Senhor? He bem bonita!  
Por

(1) A Valerio, que se recolhe com cortezia heroica.

(2) Voltando submisso.

(3) A' parte.

(4) Sahe para a Rua chegando-se a Valerio.

(5) Affastando-se.

(6) Furaivada.

(7) Com muita submissão, e medo.

Por ella o casamento se desleixa,  
Já não he sem rezão a minha queixa:  
Mas não ha de zombar assim comigo,  
Que se eu entro a enfadar-me  
Verá que sou mulher, e sei vingar-me

Eu pobre coitada  
Quieta vivia,  
Amar não queria,  
Nem ser nunca amada  
Em paz discançada,  
Meu linho cardando;  
Cedando, fiando  
Podia paillar.  
Mas veio o Senhor  
Fallar-me em casar...  
Fiquei, como as outras  
Costumão ficar  
E agora o menino  
Me quer enganar.  
Se andar com mais lerias  
Com essas mocinhas  
Com estas mãosinhas  
O hei de esganar. (1)

## S C E N A IV.

*Valerio sô.*

*Val.* **E** U de boa escapei ! Caspitê bravo  
Inda não me cazei, já me dá regias  
E que Furia ! Cuidei que me esganava,  
Mas eu a insinarei : disfaço tudo  
E o Senhor D. Alonço ,  
Esse Zabumba Mór do Regimento  
Busque lá quem a ature  
E noivo paciente lhe procure :  
Fazeis-me compaixão, pobres maridos!  
Pois a qualquer raivinha  
Vai o diacho em casa do Alfacinha  
Foi Senhor o marido em outros tem-  
pos ,  
A moda mudou tudo :  
O marido he agora humilde escravo  
E o que se casa agora  
Cuida que tem mulher , e tem Se-  
nhora. (1)

SCE-

## S C E N A V.

Valerio pondo á porta da Taberna os seus costumados aprestos , vassouras , archotes , pano de porta fogareiro , e frigideira para a chanfana.

*D. Alongo com seus companheiros Musicos , tocando o Zabumba.*

*Alongo canta.*

**O** Maroto de Cupido  
Emprendeo levar-me á tumba,  
Nunca cessa de ferir-me ,  
Sempre trus , catrus zabumba,  
Tumba catumba  
Sempre zabumba  
Para ferir mais a gosto  
As hastes das setas chumba  
Tantão mais pezão , mais rasgão;  
Sempre trus catrus zabumba  
Tumba catumba , &c. (1)

Alto

---

(1) Depois de acabar tira o zabumba.

Alto lá , camaradas , venha a pinga  
Q' he da gente de Pifano , e Vaqueta  
Doce remedio que os trabalhos ving-  
ga ; (1)

Venhão ricas tambem , he esta a meza  
Que tem servido a muita gente boa :  
Rapaz , não tragas menos d'um almude  
Q'eu pela chibantissima Saloia ,  
Pela minha formola , e cara Albina !  
Hoje quero beber mais de hum tina :  
Já licença alcancei de recebella.  
Que goito ! sim que goito !  
Ninguem tem como eu , noiva tão  
bella.

Ora a Deos Catalunha  
O matrimonio já de ti me afasta :  
Aqui me hão de cantar o requiescat.  
Que generosos são os Portuguezes  
Os homens liberais , as moças bellas.  
Não ha Povo , não ha melhor do  
que este

Doce abrigo das gentes Estrangeiras  
Tenho aqui pão , aqui me estabeleço :  
Gosto da gente , gosto da linguagem :  
He nobre , he expressiva  
Bons viveres , bons ares :

O

---

(1) A hum dos Companheiros Musicos , que parte  
para a Taberna.

O Paiz he fadio , a pinga he boa ,  
Oh ! viva Portugal , viva Lisboa.  
A Deos , ó minha Pátria ,  
Que o meu systema nisto só se enferra,  
Aonde me vai bem , he minha terra.

Amo o Povo que alegre me cerca  
Ao sem rouco do grosso zabumba.  
Vejo , apenas o éco retumba ,  
A's janellas as moças chegar :  
Deixão rícas , e meias , e costuras  
Por meu garbo , que as faz encantar.  
( Cara Albina tu mesma cahiste  
Nestes laços , que amor sabe armar )  
Com agoite , e vaqueta o zabumba  
Ninguem sabe melhor fustigar :  
Eu alegre o quieto Paisano  
Como ânimo o feroz melitar.

Mas não vem este vinho , estas iscas ?  
Sempre foi meu contrario o vagar.  
Camaradas a elles , a elles (1)  
Avança a comer , avança a chupar. (2)

SCE-

---

(1) Para os Companheiros.

(2) Vão-se todos levando o zabumba , e entrando de tropel para a Taberna.

## S C E N A VI.

*Albina só, sem giga com hum papel na mão.*

*Alb.*     **A** Fortuna já tem de mim piedade,  
 Corro ao quartel não acho o meu  
 Alonfo,  
 Mas piedoso Soldado a mim se chega,  
 E este papel me entrega (1)  
 O sobscripto a mim se dirigia,  
 Eu conhecia do meu bem a letra  
 Mas assustado o coração batia.  
 Tremendo a mão medrosa  
 Aos poucos ralga a pegajosa obrêa,  
 E á sábia amiga vou pedir que a lêa;  
 Qual foi o meu transporte  
 Ao ver que era a licença de casarmos,  
 Não, não posso dize-lo  
 Se alguém ama como eu póde enten-  
 de-lo.

Não ha neste Mundo  
 Ninguém mais ditosa  
 Contente gostosa  
 A meu bem unida  
 Feliz doce vida

Fi-

---

(1) Beijando o papel.

Figuro ter já.  
 E quando vierem  
 Os pecurruxinhos  
 Branquinhos  
 Lourinhos  
 Que gosto será :  
 Mamá dirá hum  
 Diz outro Papá  
 Hum dá-me hum abraço  
 Hum beijo outro dá.  
 Amor tu premeias  
 Huma alma constante ,  
 E alguem mais amante  
 Amor não , não ha. (1)

## S C E N A VII.

*Albina que se vai a retirar , e Rosalia  
que sabe com mantilha.*

Ros. **E** U vou ver meu Irmão , e logo  
 venho (2)  
 Mas cá vem a Senhora , (3)  
 Que busca ella por aqui agora?

*Alb.*

(1) Mette o papel no seio , e quer ir-se.

(2) Falla para dentro.

(3) Com raiva , e confusão.

*Alb.* Aqui vem a maldita da cunhada (1)  
E que tal ficará sabendo a historia!  
E por perrice a tola tagarella  
Quero passar sem fazer caso della  
*Ros.* Que raiva? Cortegeia, e não fez caso  
Ha de ir tudo em estilhas, tudo raso.

*Ros.* Saloia insolente  
Não tem cortezia!  
*Alb.* Mas V. Senhoria  
Quem he, diga quem?

*Ros.* Mulher de bem sou  
Ouvio minha joia

*Alb.* Tambem he Saloia  
Que he gente de bem.

*Ros.* Se mais me rondar  
Aqui pela porta...  
*Alb.* E então que lhe importa  
Quem vai, ou quem vem.

*Ros.* O Irmão me namora  
Já sei isso bem.

*Alb.* O Irmão lhe namoro  
Pois sim faço bem.

*Ros.* Saloia ... faz nojo.

*Alb.* Gallega ... faz riso.

Se-

---

(1) Vendo Rosalia, e voltando se.

2. { Senhora juizo  
Daqui tudo vem  
Cabeça vazia  
Não val hum vintem.

## S C E N A VIII.

*Valerio , Alonfo , os Musicos , e os Ser-  
ventes que estão pondo a meza.*

*Val.* E Stou muito enfadado  
E dou tudo por nullo , e acabado.

*Alonf.* Não tens razão, amigo, quando ralhão,  
Então são mais amantes as mulheres ,  
Rosalia minha Irmã, he como as outras.  
Mas eu co' a pobre panfa dando horas  
Estou isto aturando  
Sem me lembrar que tu estás zombando:

## F I N A L.

*Alonf.* Ah tu zombas  
Meu Valerio.

*Val.* Não , Alonfo  
Fallo serio.

*Alonf.* De Rosalia és muito amado.

*Val.* Tem hum genio endiabrado.

*Alonf.* Casarás , e amanfarás

He

He antigo este ditado  
 Em casando ha de amansar.  
*Val.* Não o creio não o espero  
 Oh ! tratemos d'outra cousa  
 Já he tempo de almoçar.  
*Alonf.* Pois a elle, oh ! Camaradas  
 Tu tambem te has de sentar  
 Vem no roixo mar do vinho  
 As tristezas affogar (1)  
 A pinga he de arromba  
 Bem bom o petisco,  
 Chanfana, ou marisco  
 Convida a chupar  
 D' Albina á saude  
 Vá cópo a virar.  
*Todes* Vá cópo a virar. (2)

(3) *Alb.* C'os teus amigos  
 De mim te esqueces,  
 Nem me appareces  
 E eu a esperar.  
 Ouve, meu rico,  
 Sim, minha joia

Tua

(1) Vão sentar-se á meza.

(2) Rebem todos.

(3) No meio desta algazarra sahe Albina por huma porta contraria, a que ha de dar entrada a Rosalia, e todos se levantão.

Tua Saloia  
Já separada  
Não quer estar.

*Alonf.* Amigo , escuta  
Como se enfada  
E não tens nada  
Que te espantar  
Assim são todas  
Em toda a parte ,  
Em França , Hespanha  
Na China , e Russia ,  
Hollanda , e Prussia  
Toda Alemanha  
E toda a Italia  
Já não se estranha  
Vê-la ralhar ,  
Não he Rosalia  
Só singular.

*Alb.* Defende a mana  
O manofinho  
O' isto he vinho  
Que o faz toldar.

*Ros.* Oh ! tambem entra a Saloia ! (1)  
Quem a mandou cá chamar. (2)

*Alb.* He a dona aqui da casa?

Vá

---

(1) Entra Rosalia , e se admira.

(2) Para Albina.

Vá Senhora, vá cardar. (1)

*Ros.* Vem ao cheiro, vem ao cheiro. (2)

*Alb.* Calluda que eu chego-lhe. (3)

*Ros.* Ah! chegue, que eu prego-lhe (4)

a 2. Saia se he capaz. (5)

*Alonç.* { Senhoras prudencia

*Val.* { Socego haja paz.

*Alonç.* Se querem, oução-me  
Haja socego  
Que eu faço ao rego  
Tudo chegar. (6)

Nestes raivaços  
Nada mais vejo  
Do que o desejo  
De se arranjar.

Albina affusta-se (7)  
No seu queixume;  
Porque presume  
Posso mudar.

Ro-

(1) Para Rosalia partindo com heroico desprezo.

(2) Para Albina com mofa.

(3) Partindo para Rosalia.

(4) Traçando a mantilha a espera.

(5) São fustidos por Alonfo, Valerio, e os Músicos, que se repartem para huma, e outra parte.

(6) Todos prestão attenção.

(7) Para a Saloia.

Rosalia teme-se (1)  
Ardendo em brasa  
Não ter mais casa  
Que governar  
Valerio teme-se (2)  
De raiva, e ira  
Com que delira  
Quem sabe amar.  
E Amor a todos  
Vai contentar.  
Acceita, Albina, (3)  
Desta alma o imperio:  
Tu a Valerio (4)  
Vai-te entregar.

Dizei se tendes

Que vos queixar

Oh! Que remedio

*Todos.*

{

Tão singular  
De amor loucuras  
Será o casar.

*Alb.*

*e*

*Rosf.*

{

a 2. Agora só falta,  
Benignos Senhores,  
A vossos favores  
As graças vir dar.

Gra-

---

(1) Para a Linheira.

(2) Para Valerio.

(3) A' Saloia que lhe dá a mão.

(4) A Rosalia que vai dar a mão a Valerio.

## A SALOIA NAMORADA.

Gratos Estrangeiros,  
Que vós honrais tanto  
Ao menos em Canto  
Vos querem pagar.

*Todos.*

Oh? Que remedio, &c.

F I M.